



A Ética Protestante e o Taylorismo

Fernando Roberto Jayme Alves¹

Palavras-chave: Protestantismo ascético, quaker, taylorismo, mais-valia.

Resumo: A obra de Weber *A ética protestante e o espírito do capitalismo* traz uma análise sobre os movimentos religiosos que surgiram na Europa após a Reforma Protestante, no intuito de assimilar os valores e princípios éticos destes movimentos com o desenvolvimento do capitalismo. Tendo em vista os objetivos desta obra, o presente artigo analisa o protestantismo ascético e seus desdobramentos (calvinismo, doutrina da predestinação, doutrina da prova etc.) para compreender a educação ascética que Taylor recebeu, uma vez que este foi criado sob os preceitos da ética protestante. Consequentemente, será analisado o método científico desenvolvido por Taylor (conhecido como Taylorismo), com o intuito de estabelecer um paralelo entre o protestantismo ascético e o taylorismo, pois ambos apontam para uma tendência à racionalização, onde o primeiro racionalizou uma conduta moral baseada em princípios religiosos, e o segundo racionalizou a produção industrial capitalista na passagem do sec. XIX para o sec. XX. As consequências do taylorismo na produção industrial foram notórias, interferindo diretamente na produção de mais-valia, seja ela absoluta e/ou relativa. Para tanto, serão analisados alguns elementos teóricos importantes acerca do conceito de mais-valia, elaborado por Marx, com o objetivo de elucidar o processo de desenvolvimento da produtividade no capitalismo contemporâneo.

1. Graduado em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás, no momento de envio do artigo, em agosto de 2009. E-mail: fernandorja@gmail.com

O protestantismo ascético e o trabalho vocacional

No primeiro decênio do século XX, o sociólogo alemão Max Weber publica um de seus mais célebres ensaios. Trata-se do livro *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, onde o autor procura, pormenorizadamente, analisar os tipos de conduta moral dos representantes históricos do protestantismo ascético puritano, e suas consequências na vida secular. Weber considera que os principais representantes do protestantismo, para a finalidade de seu estudo, são o Calvinismo, especialmente na forma em que assumiu na Europa Ocidental em meados do século XVII; o Pietismo; o Metodismo; e as seitas que se derivaram do movimento Batista.

Max Weber desenvolve um estudo articulando fenômenos da economia – o capitalismo moderno – com a tradicional teologia protestante. Seu intuito foi tentar construir uma combinação de fatores causais² que fosse possível para explicar a gênese e o desenvolvimento do capitalismo moderno dentro de uma perspectiva cultural, ou seja, como uma conduta de vida cujos fundamentos morais e éticos estão fixados na tradição dos povos de origem protestante puritana.

Para desenvolver seu estudo, Weber concebe “um meio ideal típico de orientação. [...] Tais construções possibilitam determinar o local tipológico de um fenômeno histórico. Permitem-nos ver se [...] os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções” (WEBER, 1974, p. 371-372). Essas construções configuram “um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas” (WEBER, 1974, p. 372). Weber está se referindo aos tipos ideais, modelos que servem para guiar a interpretação e a investigação empírica. O tipo ideal é

2. Segundo Quintaneiro e Barbosa (2003, p. 112), “a elaboração de um instrumento que oriente o cientista social em sua busca de *conexões causais* é muito valiosa do ponto de vista heurístico”.





uma “expressão-chave na discussão metodológica de Weber” (GERTH & MILLS, 1974, p. 78).

Em uma passagem de *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, Weber, referindo-se à teologia protestante puritana, justifica o uso deste recurso metodológico – os tipos ideais³ – em sua pesquisa e explica a importância do mesmo para a construção do conhecimento científico moderno.

Naturalmente, somente podemos fazer isto apresentando estes pensamentos religiosos sob a forma de tipos ideais, que raramente podem ser encontrados na realidade histórica. Justamente por causa da impossibilidade de traçar limites nítidos na realidade histórica, podemos apenas esperar compreender sua importância específica através de uma investigação em suas formas mais lógicas e consistentes. (WEBER, 1996, p. 67)

Ao analisar os pensamentos oriundos dos movimentos religiosos que emergiram no seio da Reforma Protestante, Weber confessa estar interessado na “influência daquelas sanções psicológicas que, originadas da crença religiosa e da prática da vida religiosa, orientavam a conduta e a ela prendiam o indivíduo” (WEBER, 1996, p. 67). O luteranismo não ganha muita relevância, pois “ao luteranismo, em razão de sua doutrina de graça, faltava justamente uma sanção psicológica da conduta sistemática que compelsse à racionalização metódica da vida” (WEBER, 1996, p. 89).

Por outro lado, o Calvinismo, juntamente com outras seitas do protestantismo ascético, irá ganhar bastante destaque na perspectiva levantada pelo autor, isto é, preocupar-se com o resultado dessas san-

3. Ao analisar a utilização dos tipos ideais de Weber, Gerth e Mills (1974, p. 79) afirmam que “Weber se interessa pelo uso de concepções generalizadas a fim de compreender a sociedade como sujeita a regularidades de lei. Essas regularidades são necessárias a fim de satisfazer o interesse pela causalidade. Para compreender uma sequência de acontecimentos regulares causalmente, devemos examinar condições comparáveis. Assim, numa tentativa de validar sua análise causal da religião e do capitalismo no Ocidente, Weber examinou muitas outras civilizações”.

ções psicológicas, pois são elas que condicionam o caráter racional do ascetismo protestante. Assim, Weber explica que “em nossa tentativa de relacionar a velha ética protestante com o desenvolvimento do espírito do capitalismo, partimos das obras de Calvino, do calvinismo e de outras seitas ‘puritanas’” (WEBER, 1996, p. 60). Por puritanismo, entende-se que é uma orientação espiritual característica da Grã-Bretanha e que possui uma adesão à doutrina da predestinação, e um repúdio total da vida mundana das frivolidades. O que Weber chama de “espírito” do capitalismo não deve ser interpretado como uma finalidade de vida neste contexto. Dessa forma, é importante ressaltar que

Deve ser lembrado, uma vez por todas, que os programas de reformas éticas nunca estiveram no centro do pensamento dos reformadores religiosos [...] como Menno, George Fox e Wesley. Eles não foram fundadores de sociedades para a “cultura ética”, nem intérpretes em esforços humanitários de reforma social ou de idéias culturais. *A salvação da alma era o único ponto angular de suas vidas e obras.* Suas metas éticas e a atuação prática de seus ensinamentos relacionavam-se todas com ela, e eram apenas conseqüências de motivos puramente religiosos. [...] Trata-se de tornar mais claro o impacto que os motivos religiosos tiveram no processo de desenvolvimento da moderna cultura secular, surgida de inúmeros fatores históricos. (WEBER, 1996, p. 60-61)

É neste sentido que Weber coloca a importância do “caráter racional do ascetismo e seu alcance para o moderno ‘estilo de vida’, necessariamente distinto do que é característico de autores teológicos” (WEBER, 1996, p. 163).

Nascido no norte da França, Calvino e o notório movimento religioso derivado de seu pensamento, o calvinismo, contribuíram bastante para a análise comparativa de Weber entre a ética protestante (o ascetismo puritano propriamente dito) e o desenvolvimento do capitalismo moderno, pois para Calvino “a fé tinha de ser provada por seus resultados objetivos, a fim de proporcionar uma base segura para





a *certitudo salutis*⁴” (WEBER, 1996, p. 79).

Uma das principais características do dogma calvinista é a doutrina da predestinação. Para os predestinacionistas, apenas uma parte da humanidade será salva e o resto condenada, tornando a “eleição pessoal” o ponto mais importante para a ética na doutrina da predestinação (WEBER, 1996). O grande objetivo para o calvinista é a busca pela salvação eterna (passagem do estado natural para o estado de graça). Calvino se considerava eleito e afirmava que esta convicção pessoal sobre a eleição divina é o resultado da verdadeira fé. De fato, “a falta de autoconfiança era o resultado da falta de fé, portanto, de graça imperfeita. [...] a fim de alcançar aquela autoconfiança, uma intensa atividade profissional era recomendada, como meio mais adequado” (WEBER, 1996, p. 77).

Percebe-se que a autoconfiança é fundamental para a vida do crente e que o trabalho intensificado se torna o principal meio, pois é o mais recomendado e adequado para cumprir sua finalidade, isto é, ser eleito por Deus ao atingir o estado de graça. Configura-se, neste contexto, uma vida extremamente ascética, pois o trabalho se torna o grande instrumento de ascese, levando o crente a “uma ordenação racional sistemática da vida moral global” (WEBER, 1996, p. 88). A doutrina da predestinação é interpretada por Weber como “o fundamento dogmático da moralidade puritana no sentido de uma conduta ética metodicamente racionalizada” (WEBER, 1996, p. 87). É neste sentido que o autor afirma que o calvinismo foi historicamente um dos agentes educacionais do espírito do capitalismo. Espírito este que compreende

4. Expressão latina que, em português, significa “certeza da salvação”. Para o calvinista, a certeza da salvação é a maior benção que um homem pode ter neste mundo. Logo, a certeza da graça é o alcance supremo pelo qual anseia sua religiosidade, tornando o alcance ao *certitudo salutis* a maior finalidade da vida neste mundo para o calvinista. Porém, o crente nunca teve certeza absoluta de sua salvação, pois qualquer descuido poderia comprometer sua eleição divina, além de que a soberana ação divina de providenciar a segurança, não descaracteriza a responsabilidade do cristão de cultivar sua segurança. Estes fatores implicam em uma conduta bastante ascética do crente.



um “*ethos* de um sistema econômico” (WEBER, 1996, p. 12).

Na doutrina da predestinação, a vida após a morte se torna mais importante e mais segura do que todos os interesses da vida neste mundo. A fé calvinista é um exemplo na história das religiões onde há uma relação entre as consequências lógicas e psicológicas de cada atitude religiosa. Sobre a relação entre lógica e psicologia no dogma puritano, Weber afirma que “a única consequência lógica da predestinação seria naturalmente o fatalismo. Todavia, devido à ideia de ‘prova’, o resultado psicológico foi exatamente o oposto. [...] Os interesses práticos⁵ anulavam as consequências fatalísticas da lógica” (WEBER, 1996, p. 177).

Os puritanos precisam provar, através das obras, seu estado de graça (salvação), pois eles não possuíam uma certeza absoluta⁶ sobre a *certitudo salutis*. Weber afirma que “todos os movimentos religiosos que afetaram grandes massas partiram da seguinte questão: ‘como posso estar certo de minha salvação?’” (WEBER, 1996, p. 174). Esta questão provocou uma enorme repercussão na conduta da vida cotidiana, onde

A completa cristianização de toda a vida era a consequência deste tipo metódico de conduta ética a que o calvinismo [...] obrigava os homens. A fim de se compreender corretamente a influência do calvinismo, deve-se ter sempre em mente que esta racionalidade foi decisiva em sua influência sobre a vida prática⁷. [...] podemos ver que ele tomou este elemento para exercer de qualquer modo esta influência. Outros credos [...] tiveram, necessariamente do mesmo modo, uma influência similar quando seus motivos éticos foram os mesmos neste ponto decisivo: a doutrina da prova. (WEBER, 1996, p. 87)

5. A prova de fé através das obras: característica fundamental do protestantismo ascético que, por sua vez, possui no trabalho seu principal instrumento de ascese.

6. “Como enfatizam os pregadores puritanos, [...] um único pecado destrói tudo o que poderia ter sido ‘acumulado’ no caminho do mérito por ‘boas obras’ de toda uma vida se [...] o homem sozinho fosse capaz de realizar tudo aquilo que Deus necessariamente reconheceria como meritório” (WEBER, 1996, p. 179).

7. Os ideais ascéticos do protestantismo, aplicados na vida cotidiana, proporcionou “a idéia da necessidade de se provar de cada um a fé, na atividade secular” (*Op. cit.* p. 85).



Esta doutrina concebe uma vida eticamente sistemática onde o poder do ascetismo protestante (pelo menos na época de sua predominância) pode ser percebido principalmente pelo espantoso grau de disciplina desse caráter em seus adeptos (WEBER, 1996). Weber está tão interessado no impacto que este comportamento ascético causou na vida prática, que ele afirma ser um ponto fundamental de sua obra o processo onde “a Reforma retirou dos mosteiros o ascetismo racional cristão e seus hábitos, e os colocou a serviço da vida ativa no mundo” (WEBER, 1996, p. 180).

Um fator que alimenta bastante a doutrina da prova é, justamente, a aparente incerteza da salvação divina que cada crente possui em sua subjetividade. A ideia da prova emerge no seio da doutrina da predestinação e possui uma “importância prática como base psicológica para a moralidade racional [...] Ela constitui, porém, uma estrutura recorrente para conexão entre fé e conduta nas seitas” (WEBER, 1996, p. 88). As sanções psicológicas do calvinismo forçam o crente para a conduta ascética, pois é preciso provar sua glória através do trabalho: o tradicional e experimentado instrumento ascético. Dogmaticamente, este trabalho deve ser interpretado como uma vocação⁸, pois o bom trabalho é visto como a vocação natural de cada um. Quanto mais o devoto aumentar sua glória de Deus, melhor para o puritano.

O mundo existe para a glorificação de Deus, e somente para este fim. O cristão eleito está no mundo apenas para aumentar esta glória, cumprindo seus mandamentos ao máximo de suas possibilidades. Mas, Deus requer obras sociais de cristão, porque Ele deseja que a vida social seja organizada segundo seus mandamentos [...] A atividade social do cristão no mundo é primeiramente uma atividade *in majorem gloriam Dei*.⁹ (WEBER, 1996, p. 75)

8. “O trabalho deve [...] ser executado como um fim absoluto por si mesmo – como uma vocação” (*Op. cit.* p. 39).

9. Expressão latina que, em português, significa “para a maior glória de Deus”. É nesta perspectiva que o calvinista sente a importante necessidade de aumentar o seu estado de graça através de suas atividades sociais neste mundo, pois, para o Deus calvinista, não basta apenas as boas obras, mas uma santificação pelas obras.



O preceito de aumentar a glória de Deus nunca foi levado tão a sério como foi entre os calvinistas, uma vez que toda a teleologia de sua conduta ética está na salvação, ou melhor, no aumento da glória de Deus. É a santificação do homem através do trabalho ascético enquanto vocação divina. Neste contexto, formou-se uma conduta bastante metódica, racional e objetiva, desenvolvendo, assim, um método sistemático de conduta por parte dos crentes. Os calvinistas acreditam que Deus ajuda somente quem se ajuda¹⁰, condenando todos os tipos de comportamento ocioso¹¹. Dessa forma, o calvinista pode “construir” sua própria salvação, pois o desempenho pessoal de cada um dos crentes no trabalho ascético passa a tornar um fator determinante em seus objetivos, uma vez que a conduta ascética do trabalho de cada um é o grande meio para atingir sua finalidade: a divina eleição pessoal¹².

Em suma, o calvinismo e a doutrina da predestinação provocaram um efeito psicológico bastante poderoso, repercutindo suas consequências diretamente na vida prática, no mundo secular. Exerceu tamanha influência em toda Europa Ocidental após a Reforma Protestante que o “ascetismo calvinista foi tanto imitado por outros movimentos ascéticos quanto usado como fonte de inspiração ou de comparação no desenvolvimento de seus princípios divergentes” (WEBER, 1996, p. 90). Portanto, surgiram novos movimentos e seitas de caráter ascético no cerne do calvinismo como, por exemplo, o metodismo anglo-saxão, o pietismo e os quakers. Segundo Weber,

O pietismo da Europa continental e o metodismo dos povos anglo-saxões são considerados movimentos secundários [...] Por outro lado, encontramos ao lado do calvinismo, uma segunda fonte independente

10. Ditados populares como “Deus ajuda quem cedo madruga” advêm deste pensamento do protestantismo ascético.

11. Doutrina paulina do “quem não trabalha não deve comer” (*Op. cit.* p. 158).

12. A sentença “cada um por si, Deus por todos” possui uma mentalidade semelhante a esta eleição individual.



do ascetismo protestante no movimento batista e nas seitas que, no decorrer dos séculos XVI e XVII dele se derivaram, quer diretamente, quer por adoção de suas formas de pensamento religioso: os batistas, menonitas e, principalmente os quakers. (WEBER, 1996, p. 101-102)

Nesta afirmação, o autor demonstra a importância histórica dos quakers no desenvolvimento do protestantismo ascético. Os quakers formaram uma seita¹³ que, fundamentalmente, deu continuidade à tradição batista. O movimento surgiu na Inglaterra e depois se proliferou na América do Norte. A seita foi fundada pelo inglês George Fox e seus associados, em meados do século XVII, os quais se rebelaram contra os abusos da Igreja Anglicana. Eles também são sectários do puritanismo, isto é, repudiam com veemência a idolatria da carne, abstendo-se, conseqüentemente, dos prazeres mundanos (as frivolidades). Com a ideia de que “Deus somente fala quando silencia a criatura”, os quakers adotaram um caráter tranquilo, moderado e eminentemente consciencioso. Para eles, “a finalidade desta tranquila espera é a superação do impulsivo e do irracional das paixões e dos interesses subjetivos do homem ‘natural’¹⁴” (WEBER, 1996, p. 105).

A consciência e a razão estão no centro da conduta ética dos quakers. Esta conduta possui uma considerável aproximação com o que Weber chama de “espírito” do capitalismo. Segundo o autor, “a forma específica assumida pela ascese secular dos batistas, especialmente dos quakers, já se externava [...] na prova prática desse importante princípio da ‘ética’ capitalista: *honesty is the best policy*¹⁵” (WEBER, 1996, p. 107).

13. No movimento batista emergiram várias seitas que, por sua vez, se diferenciam das religiões, pois nessas o indivíduo já nasce como um membro e naquelas o indivíduo é convertido moralmente. De fato, o movimento batista fundou seitas, e não igrejas.

14. Os quakers sempre reconheceram a “importância do testemunho interior do Espírito na razão e na consciência” (WEBER, 1996, p. 104).

15. Expressão inglesa que, em português, significa “a honestidade é a melhor política”.



Percebe-se, então, que a conduta ética do ascetismo secular dos quakers proporcionou uma vida triunfante no comércio que, por sua vez, legitima uma vida santa, pois eles encaram a prosperidade como o prêmio desta vida puritana. Weber afirma que, a princípio, os quakers conseguiram um desenvolvimento econômico incontestável na Inglaterra, terra natal da seita batista. “A relação entre uma filosofia religiosa da vida com o mais intenso desenvolvimento da mentalidade comercial, justamente no rol daquelas seitas cujo alheamento da vida se tornou tão proverbial quanto a sua riqueza, principalmente entre os quakers” (WEBER, 1996, p. 26).

Foi no seio dessa ética quaker que Frederick Winslow Taylor nasceu e foi criado pela sua família. Taylor nasceu em março de 1856 nos EUA, cidade de Germantown. Profissionalmente, se transformou em engenheiro e concebeu um dos principais métodos de produção de sua época: a administração científica do trabalho, denominada de taylorismo. Taylor iniciou sua vida profissional como operário, em 1878, na Midvale Steel Co., passando a capataz, contramestre, chefe de oficina, e, finalmente, a engenheiro em 1885, quando se formou pelo Stevens Institute¹⁶.

Procedente de uma família de quakers, Taylor aprendeu desde cedo que o trabalho vocacional ascético não só dignifica o homem, como também é o principal caminho para se chegar a Deus. O cientista político Maurício Tragtenberg analisa a influência dos princípios contidos na educação de Taylor sobre as realizações que ele concretizou em sua vida profissional. O autor afirma que:

Taylor, oriundo de uma família de *quakers*, foi educado na observação estrita do trabalho, disciplina e poupança. Educado para evitar a frivolidade mundana, converteu o trabalho numa autêntica vocação. [...] O estudo do tempo e a cronometragem definem-se como pedra angular de seu sistema de racionalização do trabalho. (TRAGTENBERG, 1985, p. 73)

16. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/a-obra-de-taylor-suas-constatacoes-e-propostas/10905/>>.



Torna-se bastante indicativo que a importância que Taylor atribui ao tempo, em seus estudos, advém de sua educação religiosa, uma vez que o ascetismo protestante no qual Taylor foi criado sempre condenou o ócio e a perda de tempo, pois “a falta de vontade de trabalhar é um sintoma de ausência do estado de graça” (WEBER, 1996, p. 113).

Weber afirma que, por motivos religiosos, a racionalização da conduta é a grande consequência do conceito de vocação do protestantismo ascético. Por um lado, Taylor foi criado dentro deste conceito de vocação, isto é, a educação de Taylor foi concebida e norteadas pelos valores e princípios do protestantismo ascético. Por outro lado, seu grande feito na vida profissional – o taylorismo – é um método organizacional administrativo, que tem como principal finalidade a racionalização da produção. Esse caráter sistemático da racionalidade entre duas coisas de natureza diferente, isto é, a questão educacional de um lado e a questão profissional de outro, parece indicar de maneira perspicaz a relação que Weber quer demonstrar entre a ética protestante e o desenvolvimento do capitalismo.

Dessa forma, a ética e os princípios quakers que Taylor recebeu em sua educação aparecem como grandes fatores de influência em seu trabalho: a administração científica. Tragtenberg confirma isso ao relatar que “o taylorismo não se constitui somente num estudo técnico de tempos de movimentos, mas é influenciado pelo *ethos* puritano da origem *quaker*. Taylor desenvolve [...] um ideal formativo de personalidade humana, [...] uma visão do mundo” (TRAGTENBERG, 1985, p. 88).

O Taylorismo e suas implicações no processo de produção industrial

O método da administração científica, desenvolvido por Taylor, ficou conhecido como taylorismo. Taylor introduziu, de certa for-

ma, uma espécie inédita de gerenciamento científico. Assim, Taylor se transformou no precursor da chamada “Escola da Administração Científica” e, com o passar do tempo, ele ganhou o *status* de “pai da administração científica”, devido à criação de seu método no ramo da administração empresarial. O termo “administração científica” refere-se à aplicação dos métodos das ciências, especialmente as exatas como a Física, por exemplo, aos problemas administrativos das empresas, a fim de alcançar elevada eficiência na produção industrial. A Escola da Administração Científica possui uma ênfase nas tarefas e teve inúmeros seguidores¹⁷, provocando uma verdadeira revolução no pensamento administrativo e no mundo industrial no começo do século XX.

A preocupação original de Taylor foi tentar eliminar ao máximo o desperdício e as perdas sofridas pelas indústrias norte-americanas e, conseqüentemente, elevar os níveis de produtividade por meio da aplicação de métodos e técnicas da engenharia industrial. Em 1911, Taylor publica sua principal obra: *Os princípios da Administração Científica*. Esta obra é considerada um importante marco para a atividade industrial corporativa, sendo uma das principais contribuições teóricas do século XX para a administração empresarial.

Harvey (2007) relata a importância do taylorismo para as teorias administrativas e comenta sobre a influência que o taylorismo exerceu sobre uma nova linha de produção que surgira nos EUA no começo do século XX: o fordismo. O autor comenta que o livro de Taylor é um:

Tratado que descrevia como a produtividade do trabalho podia ser radicalmente aumentada através da decomposição de cada processo de trabalho em movimentos componentes e da organização de tarefas de trabalho fragmentadas segundo padrões rigorosos de tempo e estudo do movimento. (HARVEY, 2007, p. 121)

17. Dentre os adeptos desta escola, destacam-se Elton Mayo e Henri Fayol. Cf. Maurício Tragtenberg, “As harmonias administrativas de Saint-Simon a Elton Mayo”. In: *Burocracia e Ideologia*. São Paulo: Ática, 1985.





Esta organização de tarefas no âmbito do trabalho exige bastante daqueles que planejam, organizam e coordenam a produção, ou seja, os que exercem as funções administrativas. Para que os resultados na hora da execução do trabalho sejam satisfatórios, ou melhor, estejam de acordo com o planejado, é fundamental que se tenha o controle do trabalho. Controle este que compõe um dos princípios básicos da administração científica de Taylor. Harvey afirma que o controle do trabalho implica em uma disciplina da força de trabalho, cuja finalidade é atingir os propósitos de acumulação do capital. Sobre esta disciplina exercida sobre o operário, o autor relata que “a familiarização dos assalariados foi um processo histórico bem prolongado (e não particularmente feliz) que tem de ser renovado com a incorporação de cada nova geração de trabalhadores à força de trabalho” (HARVEY, 2007, p. 119).

Dessa forma, o taylorismo não se configura apenas como um método de racionalização da produção industrial que evita desperdícios e zela pelo aumento da produção, pois ele possui também uma ética que, por sua vez, é “fundada num princípio particular, ou melhor, numa virtude particular, a obediência” (WEFFORT, 1985, p. 11). Essa obediência só é possível através de uma disciplina da força de trabalho dos operários, o que implica em um processo histórico bastante complexo.

Taylor promove um minucioso estudo do tempo tornando a cronometragem uma das principais características do taylorismo. Ele determina o tempo médio para todos os elementos de base do trabalho para adquirir o tempo total do trabalho. Como Taylor é engenheiro, ele acaba por fundamentar seus conceitos na observação e no senso comum, isto é, no empirismo¹⁸. Seu objetivo é “evitar o maior dos pecados – a perda

18. Segundo Tragtenberg (1985, p. 72), “o método de Taylor é oriundo da aplicação de um esquema *empírico como método* onde o conhecimento surge da evidência sensível e *não* da abstração. [...] Na essência, presidindo tudo, está uma atitude descritiva onde o importante é o *como* e não o *porquê* da ação”.

de tempo. A finalidade maior do sistema é educativa e se manifesta pela intensificação do ritmo de trabalho” (TRAGTENBERG, 1985, p. 74). Weber nos lembra que o protestantismo ascético afirma que:

O “eterno descanso da santidade” encontra-se no outro mundo; na Terra, o Homem deve, para estar seguro de seu estado de graça, “trabalhar o dia todo em favor do que lhe foi destinado”. Não é, pois, o ócio e o prazer, mas apenas a atividade que serve para aumentar a glória de Deus, de acordo com a inequívoca manifestação da Sua vontade. A perda de tempo [...] é o primeiro e o principal de todos os pecados. (WEBER, 1996, p. 112)

A necessidade de evitar desperdícios, de aumentar a produção e os lucros na indústria, juntamente com a ética protestante ascética na qual Taylor foi educado, onde a perda de tempo é encarada como um pecado mordaz, fez com que o taylorismo se tornasse um método que racionaliza a produção, proporcionando, assim, uma intensificação da mesma, isto é, um desenvolvimento da produtividade do trabalho, aumentando conseqüentemente a exploração dentro das relações de produção capitalista. Este aprimoramento na esfera da produtividade interfere diretamente na questão da mais-valia, pois a exploração sob o capitalismo é concretizada justamente através da extração desta mais-valia. Segundo Marx (2008, p. 231), “a mais-valia se origina de um excedente quantitativo de trabalho, da duração prolongada do mesmo processo de trabalho”.

Mais-valia significa valor excedente, trabalho excedente que toma a forma de lucro devido à apropriação exercida pelo proprietário dos meios de produção (o capitalista). Existe uma divisão entre trabalho excedente e trabalho necessário dentro da taxa de mais-valia¹⁹, na qual o lucro do capitalista encontra-se na diferença entre esses dois trabalhos. Foley (1988) demonstra didaticamente esta equação:

19. Esta taxa é “a expressão precisa do grau de exploração da força de trabalho pelo capital ou do trabalhador pelo capitalista” (MARX, 2008, p. 254).





É possível, assim, estabelecer uma divisão similar da jornada de trabalho separando-a em duas partes: trabalho necessário (no tempo a ele dedicado, o trabalhador produz um equivalente do que recebe um salário) e trabalho excedente (no tempo a ele dedicado, o trabalhador está produzindo apenas para o capitalista). (FOLEY, 1988, p. 228)

A relação entre capital constante (também conhecido como “trabalho morto”) e capital variável (também conhecido como “trabalho vivo”) é fundamental para compreender o processo de extração de mais-valia, pois apenas este capital acrescenta valor às mercadorias, enquanto aquele repassa valor às mercadorias. É o próprio Marx quem explica este processo:

A parte do capital [...] que se converte em meios de produção, isto é, em matéria-prima, materiais acessórios e meios de trabalho não muda a magnitude do seu valor no processo de produção. Chamo-a, por isso, parte constante do capital, ou simplesmente capital constante. A parte do capital convertida em força de trabalho, ao contrário, muda de valor no processo de produção. Reproduz o próprio equivalente e, além disso, *proporciona um excedente, a mais-valia*, que pode variar, ser maior ou menor. Esta parte do capital transforma-se continuamente de magnitude constante em magnitude variável. Por isso, chamo-a parte variável do capital, ou simplesmente capital variável. (Grifos meus) (MARX, 2008, p. 244)

Dessa forma, é o capital variável quem fornece mais-valor, isto é, mais-valia, pois “sua quantidade varia do começo ao fim do processo de produção; o que no início é valor da força de trabalho ao término é valor produzido por esta força de trabalho em ação” (FOLEY, 1988, p. 227). Por conseguinte, Marx demonstra que este processo social de produção de mais-valia adquire duas formas, indissociáveis entre si: a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa. Segundo o autor,

A produção da mais-valia absoluta se realiza com o prolongamento da jornada de trabalho [...] Ela constitui o fundamento do sistema capitalista e o ponto de partida de produção da mais-valia relativa. Esta pressupõe que a jornada de trabalho já esteja dividida em duas partes: trabalho necessário e trabalho excedente. Para prolongar o trabalho excedente, encurta-se o trabalho necessário com métodos que permitem produzir-se em menos tempo o equivalente ao salário. (MARX, 2008, p. 578)

Ora, esses métodos utilizados para atrofiar o trabalho necessário e prolongar o excedente, isto é, aumentar a força produtiva do trabalho, parece convergir justamente com os objetivos de Taylor no âmbito da produção industrial. O taylorismo é um método de produção que possui um grande papel no que se refere às inovações tecnológicas com a aplicação de princípios científicos na produção, uma vez que tecnologia e ciência também são fatores indissociáveis. Taylor conseguiu provocar modificações no processo de trabalho que gerou um considerável desenvolvimento da produtividade do trabalho, coadunando harmonicamente com os fundamentos da mais-valia relativa, elaborados por Marx. Este processo de elevar a produção em um intervalo de tempo menor, segundo Foley (1988, p. 228) “é que fez do capitalismo o modo de produção mais dinâmico de todos os tempos, transformando continuamente seus métodos de produção e introduzindo incessantemente inovações tecnológicas”.

A produção da mais-valia, seja ela absoluta ou relativa, encontra-se na essência do capitalismo uma tendência em diminuir o tempo de trabalho necessário e prolongar o tempo de trabalho excedente (MARX, 2008). Estas características estão inseridas dentro de toda uma lógica que aponta para a racionalização da produção, visando à minimização dos custos e a maximização dos lucros. É importante frisar neste momento que as características citadas logo acima, foram exatamente uma das principais propostas elaboradas por Taylor na administração científica.

Outra característica marcante do taylorismo é o aprimoramento da divisão social entre trabalho material e trabalho intelectual. “O crescimento da dimensão da empresa irá separar funções de direção, de funções de execução” (TRAGTENBERG, 1985, p. 70). A tarefa essencial para o taylorismo está no planejamento, e os que executam o trabalho devem apenas ajustar-se aos cargos descritos e às normas de desempenho (ideia da obediência). Os que exercem o trabalho intelectual são “aqueles que fixam o progresso da produção, descrevem os





cargos, fixam funções, estudam métodos de administração e normas de trabalho” (TRAGTENBERG, 1985, p. 71).

Com esta divisão social do trabalho, entre outros fatores, o modelo de produção taylorista acabou se transformando numa ferramenta de dominação burguesa, pois suas premissas encaixaram perfeitamente com os interesses particulares dos proprietários das indústrias. Isto significa dizer que o taylorismo se transformou numa ideologia²⁰ a partir do momento em que os princípios da administração científica foram apropriados pelos burgueses para aumentar a produção através da exploração de mão de obra. O sucesso desta administração, no decorrer do século XX, foi imenso no ramo empresarial, pois “a administração científica de todas as facetas da atividade corporativa [...] tornou-se o marco da racionalidade corporativa burocrática” (HARVEY, 2007, p. 129).

É por isso que a “ideia” da administração científica se tornou uma ideia dominante, autônoma. Marx e Engels afirmam que “os pensamentos da classe dominante são também [...] os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante” (MARX; ENGELS, 2007, p. 48). Há uma generalização de ideias onde certos pensamentos assumem um caráter de universalidade e passa a ser representado como a única ideia válida e razoável.

Analisando a partir de Taylor, isto é, concebendo uma análise comparativa entre sua educação ascética de origem quaker e o taylorismo, fruto de seu trabalho, é possível perceber uma relação direta entre o protestantismo ascético e o caráter burguês industrial. Weber afirma que esta relação é mais profunda do que aparenta ser, pois ela envolve “não apenas a acumulação de capital como a racionalização ascética de toda a vida econômica” (WEBER, 1996, p. 219).

20. Segundo Tragtenberg (1985, p. 195), “o taylorismo aparece como ideologia da reprodução do trabalho simples, da acumulação primitiva do capitalismo industrial, onde a ética da classe dominante surge como a ética da eficiência”.

Considerações Finais

O trabalho vocacional do protestantismo ascético racionalizou a conduta, pois se tornou o mais alto instrumento de ascese. Este trabalho contribuiu para o desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, para o modo de vida burguês, uma vez que o ascetismo se configurou como uma virtude burguesa, contribuindo para o processo de legitimação da dominação no âmbito da produção industrial. Taylor, através de sua educação ascética, racionalizou a produção ao aumentar a produtividade e intensificar o ritmo de trabalho nas indústrias.

Taylor emerge no presente ensaio como um “exemplo” da tese apresentada por Weber em *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, ao assimilar a racionalização da conduta, proporcionada pelos valores e princípios morais do protestantismo ascético, com a racionalização do processo de produção industrial, proporcionado pelo taylorismo. O processo histórico do desenvolvimento do capitalismo sempre foi acompanhado por um crescimento incessante da racionalização no processo de construção do mundo contemporâneo. Ao se referir ao homem moderno, Chauí (2003) afirma que estamos agora diante do burguês, isto é, do homem valorizado pela chamada ética protestante. É o homem da riqueza material, onde a burocracia e a racionalização possuem lugar de destaque, contrariando os princípios básicos da ética protestante.

Os impactos e as conseqüências do taylorismo na produção capitalista industrial foram vários, beneficiando em geral os proprietários dos meios de produção – principalmente o industrial – e prejudicando a maior parte da sociedade que, por sua vez, é composta pelos trabalhadores assalariados. Isto porque o taylorismo acentuou a exploração de mão de obra e contribuiu para o aumento da desigualdade social. O capitalismo, enquanto relações sociais baseadas na produção de mais-valia (lucro), se apropriou do taylorismo, pois este atendeu aos interesses particulares daquele.



Referências

CHAUÍ, M. *O que é ideologia*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003. 118 p.

FOLEY, D. Mais-valia. *In: Dicionário do pensamento marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 227-229.

GERTH, H. H; MILLS, C. W. Introdução: O homem e sua obra. *In: WEBER, M. Ensaios de sociologia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. 530 p.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007. 349 p.

KOCHER, H. *Dicionário de expressões e frases latinas*. Disponível em: <http://www.hkocher.info/minha_pagina/dicionario/0dicionario.htm>. Acesso em: 16 ago. 2009.

MARX, K. *O Capital*. Livro I. 25. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. 2v. 996 p.

MARX, K; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 119 p.

QUINTANEIRO, T; BARBOSA, M. L. O; OLIVEIRA, M. Gardênia M. *Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. 159 p.

TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1985. 228 p.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 10. ed. São Paulo: Pioneira, 1996. 233 p.

_____. *Ensaios de sociologia*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974. 530 p.



A ética protestante e o taylorismo

WEFFORT, F. C. Prefácio. In: TRAGTENBERG, M. *Burocracia e ideologia*. São Paulo: Ática, 1985. 228 p.



Dossiê Temático